



Sentidos de uma História e Educação dos Sentidos: a América na Exposição Colonial de 1931

Josianne Francia Cerasoli

Universidade Estadual de Campinas

cerasoli@unicamp.br

Palabras clave: decolonialidad, estética, política, exposição colonial.

Resumen

O manifesto de artistas surrealistas “*Não visite a Exposição Colonial*”, propondo boicote à Exposição Colonial Internacional em Paris, sugere de modo direto que significados extraídos dos acontecimentos dificilmente escapam a disputas. Mesmo ao considerar situações de grande repercussão, como essa Exposição com expressivo investimento material e intelectual, a existência de algo em comum não impede a partilha do sensível, noutros sentidos discutidos por Rancière: além da partilha, a separação de partes, a seleção de quem toma parte e a definição da (in)visibilidade. É essa a chave de leitura deste estudo ao tomar o grandioso evento, situado entre as grandes exposições universais, para interpelar, a partir da seleção de alguns de seus eloquentes vestígios, os sentidos impingidos a narrativas históricas e as persistências prováveis de suas incidências políticas e de suas pedagogias implícitas. Inaugurada em maio de 1931 e destinada a ser “uma grande lição de união” entre os franceses e todos os povos em prol da civilização, a Exposição Colonial reuniu representantes de múltiplos países e regiões, e registrou cerca de 30 milhões de visitas durante os seis meses em que permaneceu aberta no *Bois des Vincennes*, com amplos espaços e dezenas de pavilhões edificadas especialmente para receber o evento. O detalhamento do projeto vultoso não deixa dúvidas sobre suas ambições: comissões, crédito, documentos, conhecimentos, atrações, logística de turismo, programação, infraestrutura (inclusive metroviária), bem como a previsão de compra do material da futura demolição e, também, a edificação de um museu colonial permanente. Os objetivos são inequívocos: reforçar o sentimento nacional francês e manifestar “a viva apoteose do esforço colonial das nações civilizadas”. Ou seja, trata-se de uma história



VI CONGRESO LATINOAMERICANO DE FILOSOFÍA DE LA EDUCACIÓN

BOGOTÁ, JULIO 12 - 14 DE 2023

Hospitalidad y reencuentro: volvernos a ver para pensar el sentido de la educación y de la filosofía

européia, cujo enunciado busca fixar hierarquias, partilhar e repartir destinos. Para inquirir possíveis sentidos (in)visíveis e vigentes nessa narrativa, este estudo seleciona no edifício do museu permanente das colônias o afresco especialmente composto para expressar esse enunciado. A obra do pintor Pierre Henri Ducos de La Haille para o solene salão de festas, interpreta o tema dos benefícios da colonização, integrando a grandiosidade do palácio, do salão e do afresco às alegorias escolhidas: no centro está representada a “Irradiação da França aos Cinco Continentes”, e nas paredes laterais as alegorias das práticas construtivas (Arte, Comércio, Indústria e Ciência) e dos ideais civilizatórios (Paz, Trabalho, Liberdade, Justiça). Nessa simbologia, o lugar ambíguo e parcial da América impõe uma interpretação apurada, considerando os contemporâneos de 1931 e de hoje. Se na base da política há uma estética, ao se definir o que é ou não visível num espaço comum, como afirma Rancière, há também uma prática política nas práticas estéticas. O que essas experiências dizem aos viventes, de ontem e hoje, desafia nossa indagação acerca do sentido da educação e da filosofia – de uma filosofia da história – diante desse legado constantemente tensionado pela crítica colonial e decolonial.